A LUTA

Orgam da União Operaria Internacional

ANNO 12 (2.ª phase) | RIO GRANDE DO SUL (Brazil) — PORTO ALEGRE, 1.º de Maio de 1918 | NUM. 2

1º. de Maio sangrento

A data em que o proletariado, recordando o sacrificio dos martyres da liberdade, faz as mais inequivocas affirmativas de suas reivindicações sociaes, mais uma vez desponta rubra e sangrenta para os trabalhadores, victimas do espantoso crime de lesa humanidade meditado e posto em pratica pela burguezia, na ancia incontida de conservar previlegios injustificaveis e anti-humanos.

Mais que nunca o trabalhador tem diante de si o exemplo flagrante das injustiças sociaes, das iniquidades contra elle commettidas e da falsidade das theorias basilares de uma sociedade, cuja flerescencia maxima é a destruição dos povos uns pelos outros.

Mais que nunca o trabalhador, levado pelas proprias circumstancias da guerra, comprenderá, como disse Eliseu Réclus, que os trabalhadores por todo o mundo entendem-se porque falam a mesma linguagem e exprimem identicas aspirações.

E essas aspirações, os interesses vitaes dos trabalhadores não são, não podem ser de maneira alguma os interesses da burguezia que explora o braço do operario com a mesma e calculada rfieza com que tira proventos d,uma machina de necessidades restrictas de combustiveis e lubrificantes.

Não! O proletariado de hoje, fazendo taboa rasa dos previlegios de casta politica, religiosa ou economica, tem aspirações moraes e intellectuaes que não podem ser satisfeitas dentro dos ambitos da actual sociedade porque esta, falsa em seus principios, não os pode generalizar sem perecl.tar.

Como outrora, foi preciso uma luta ingente, pontuada de sangue e dôr, para se derribar os pretensos direitos feudaes dos senhores sobre os escravos, hoje tornou-se necessaria a luta, que cada dia mais se delineia, contra os pretensos direitos da burguezia explorar o operario.

E é essa convicção, que não pode ser contestada honestamente, que dá força e consistencia ás lutas operarias por todos os recantos do mundo, pregando a necessidade premente de restabelecer o equilibrio social, condição unica da existencia imperecivel das sociedades humanas.

Diante da bancarrota da sociedade burgueza, impotente para evitar a conflagração mundial por ella propria preparada pela propagação da erronea theoria do militarismo e da paz armada e agora incapaz de achar solução para estabelecer a paz anceada por todos, torna-se necessario que os operarios estejam alerta para que o sangue derramado por elles — por elles tão sómente — não se transforme em novos grilhões que os vá opprimir depois da guerra, obrigando-os a novamente curvar a cerviz para atulhar de ouro o cofre da burguezia.

E' preciso que da guerra actual não resulte como até aqui tem succedido com todas as guerras: sacrificio para os trabalhedores, vencedores ou vencidos e proventos para a burguezia, vencedora sempre.

Si o trabalhador é o unico sacrificado na guerra é necessario que a elle reverta um beneficio real do seu sacrificio e para conseguir essa parte no resultado final da guerra, é chegado o momento de pôr em pratica o remodelamento social previsto por aquelles cuja recordação a data de hoje nos traz á memoria.

Recordemos a invocação e o conselho da Internacional dos Trabalhadores:

Operarios de todo o mundo: uni-vos! porque:

As reivindicações dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores.

REIVINDICAÇÕES

Vós que fartos viveis num meio perfumado,
Da vida conhecendo os gozos e alegrias;
Que nem pensais sequer talvez que ao vosso lado
Outros ha que só têm da vida as agonias;

Deixai por um instante o Eden luminoso
Em que, serena e eterna, esplende a vossa dita,
E vinde ver commigo o Inferno tenebroso
Onde reside a Fome, onde a Miseria habita.

Escutai!... Não ouvis, num explodir de vozes,
Um côro colossal de maldições atrozes
Como o surdo rugir de rabidos vulcões?

São dos que não têm pão as coleras ferozes,
E' o louco despertar das victimas algozes
O rebate a tocar das reivindicações!...

Manoel Custodio Mello Filho

A LEI SUPREMA

O bem-estar universal, de Godwin; a justiça, de Proudhon; o progresso, no sentido da perfeição tão completa quanto possivel, de Bakunine; a liberdade igual, de Tucker e o amor, de Tolstoi, estão compendiados na formula sociologica de Kropotkine — a evolução da humanidade ou o progresso, no sentido de uma existencia menos feliz para outra de maior felicidade possivel (postulado da justiça e da energia) é a lei suprema da humanidade.

Muito subjectivo, muito metafisico, é o modo de encarar a solução da questão social sob o ponto de vista da felicidade, como dependente da justiça. Que é a justiça? Nesta simples pergunta está incluida a eterna controversia moral do bem e do mal. Será justo tudo quanto permittem as diversas moraes adoptadas pelas differentes populações do globo terrestre? Toda lei moral tem por base o costume, a tradição posteriormente, os codigos penais, os canons e os *tabus*. Não póde pois a justiça, que é dependencia da moral, servir de base e de lei suprema da humanidade, se a Moral é varia. A formula de Kroptkine abrange os postulados de justiça, de felicidade perfeita, de solidariedade absoluta, pois que se basêa na tendencia ao progresso da humanidade, no sentido de uma existencia menos feliz, isto é, menos perfeita, para uma existencia mais feliz e mais perfeita, onde a solidariedade e o amor sejam justiça, onde a liberdade e a fraternidade sejam verdades.

Para attingir esse estado de felicidade perfeita, a humanidade terá de aprender a amar solidariamente, exercitar e aperfeiçoar os dotes e tendencias naturaes de auxilio mutuo que devemos uns aos outros, pelo grande prazer que isso nos causa, pela grande somma de sympathia que isso nos acarreta, pela serenidade que nos traz a consciencia de um dever cumprido, pela reciproca afeição que desperta, pela enormidade de ensinamento moral que propaga. Para lá chegar é necessario considerar a humanidade inteira dentro de nosso dever de amar solidariamente, de sentir fraternalmente com ella as dores e as alegrias.

Para satisfação do nosso proprio egoismo é preciso apartar toda a causa de soffrimento; nisso é que divergem de nós os individualistas, creadores da theoria do Super-homem, dizendo-se libertarios, porque generalizados os seus ideaes de puro egoismo, creada uma raça especial de homens raros, todos gosarão igualmente, anniquilados os incapazes, vencidos na luta pela existencia, o que, garantindo o pleno bem-estar individual garantirá a felicidade geral. Realizada a conquista do mundo pelos fortes e capazes, com a inutilização dos fracos, estará estabelecido o regimen social do bem-estar geral, que outro não é sinão o imperialismo norte-americano ou o pan-germanismo. E' esta uma forma selvagem de conseguir a felicidade da humanidade, que os proprios animaes não praticam entre si, pois o caso muito estafado da selecção natural não se executa conscientemente, com a mira no fim a alcançar, de caso pensado; faz-se sem segunda intenção e determinado proposito; realiza-se muitas vezes a contragosto do executante; vai em seu caminho de aperfeiçoamento das especies, sem programma traçado, sem procurada orientação, desejada, estudada, preferida, buscada; vai seguindo inconscientemente uma lei natural. O individualismo bem comprehendido não póde servir de norma de conducta social, nem de lei suprema da evolução humana. O homem, animal social e sociavel, só se desenvolve á custa desta sua qualidade, só progride com o auxilio de seu semelhante; voltar aos seus começos de vida e á imperfeição priméva, em que era *lupus*, não é tender á perfeição. O individualismo devia ser pregado como doutrina de retrogradação, tendo em consideração que o esmagamento do fraco, o direito do mais forte, a inutilização dos considerados incapazes por não terem vencido, embora não sejam inuteis á sociedade, eram lei suprema da vida e caminho da felicidade, na idade da pedra lascada. O bem-estar moral assim realizado nunca seria completo; haveria, como em todos os tempos, almas inadaptaveis a esses processos brutaes de conquista da felicidade com detrimento da felicidade alheia; haveria sempre sonhadores em quem o amor do proximo sobrelevasse qualquer outro sentimento, e não se considerassem

A LUTA

Toda correspondencia deve ser dirigida á séde provisoria da União Operaria Internacional, á rua Commendador Coruja n. 70.

A Luta publica-se eventualmente por contribuição voluntaria, sendo a sua distribuição gratuita.

felizes emquanto não se extinguisse a dor universal.

O fim da humanidade é a felicidade perfeita, e a felicidade perfeita não nos é garantida pela justiça, como lei suprema, sem o amor que é a solidariedade absoluta, que é a perfeição realizada, que é a igualdade e o supremo bem, que é a energia e a vida, o estimulo, o incitamento, a arte, a lei formal da existencia e do progresso da humanidade.

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1914.

DR. FABIO LUZ.

A GUERRA

«Emquanto ao redor os tyrannos matam, a terra de sangue se encharca.»

Após 45 mezes de matança continua, com aperfeiçoadissimos instrumentos scientificos de destruição, a situação em geral apresenta-se inalterada. De nenhum lado ha a consignar victorias ou derrotas taes que uma grande superioridade de forças pudesse impor a paz ao lado mais fraco. Centenas de milhares de assassinados, feridos, prisioneiros, foram arrojados ao igneo abysmo da guerra, sem que a mortandade tivesse servido no minimo para mitigar a miseria.

Muitas aldeias foram varridas da terra; cidades, que com seus thezouros de arte de incalculavel valor, com as suas preciosidades architectonicas, ultrapassaram de muito, em sua significação cultural, os limites do paiz, extendendo-se para dentro do espirito, do coração da humanidade. E as torrentes de sangue continuam a crescer, os rios espraiam-se ante os diques formados por cadaveres humanos, que envenenam suas aguas, e uma argamassa de lama e sangue cobre os verdes prados, as plantações, os jardins, as mattarias.

Os soldados, os portadores da cultura dos Estados militaristicos e de rapina, soffrem muitas vezes, de sêde atroz pela falta de agua. Pois, bebei sangue! Sangue dos camaradas em mistura com sangue «inimigo», liquido esse que corre em abundancia! Beber sangue; favorece a bestialização no mais alto grão, tal qual o governo e os commandos militares a desejam, pois ella é o meio, o unico meio, de proteger «o sagrado patrimonio da cultura da nação».

Foi por esses bens de cultura, assim o affirmam todos os governos, que se citou a morte afim de açulal-a contra os povos da terra.

Homens de todas as nações, preclaros e previdentes, cujo coração bateu pela humanização de todos os povos, têm constatado em suas obras, que a cultura legitima é universal, como producto da cooperação cosmopolita do trabalho, da intelligencia da humanidade, da sciencia e da arte. O troar dos canhões de sitio faz calar essas vozes da humanidade. Ha, actualmente, só uma cultura allemã, superior a todas as outras; uma cultura franceza superior a todas as outras; uma cultura ingleza superior a todas outras; uma cultura austriaca superior a todas as outras; uma cultura russa superior a todas as outras; uma cultura servia, superior a todas as outras, para não esquecermos as culturas turca e japoneza, cada qual por si tambem superior a todas as outras. São essas as culturas nacionaes a cuja frente se acham governos que têm os seus alicerces na força bruta. E' a cultura que não póde prescindir de dymnastias, de tzares, imperadores, reis, da barbaria governamental organizada. Sua base é a exploração inaudita dos proprios povos; sua estabilidade está no progresso da technica das armas homicidas.

Essas culturas nacionaes de governos e de Estados são a peste deste mundo; significam o assassinio organizado dos povos, tanto da propria nação como das outras. Nellas a idiotização das massas populares é a maxima da educação. A mais tremenda licção desta guerra foi a demonstração, com todo o seu negrume, da poderosa influencia que ainda exercem sobre a humanidade as homicidas culturas nacionaes. Emquanto essas poderem destruir a vida, o bem-estar, a liberdade dos povos, não nos é licito fallar da existencia de uma humanidade culta.

Porto Alegre, 918 — FR. KNIESTEADT

O Socialismo allemão e o Socialismo Russo

A guerra é o doloroso crime com que a burguezia ensanguenta o mundo, atirando os povos de encontro uns aos outros, devorando-se na cruel bestialidade gestada no antro das casernas; a guerra é a florescencia do militarismo damninho com que a burguezia envenenou o coração da mocidade embotando-lhe a consciencia para os bons sentimentos.

A conflagração actual em que se debatem furiosamente os povos, com ser mais o monstruoso dos crimes até hoje commettidos contra a humanidade é tambem a melhor escola em que os povos aprenderão a saber lutar pela sua emancipação integral: economica, moral e politica.

No meio do oceano de fumo e fogo em que se afogam os povos, surgiu a faisca que derruiu fragorosamente o throno vetusto em que se encastellava a autocracia do Czar.

E o povo russo, não contente com o expulsar o tyranno de todas as Russias, sahiu á praça e num impeto vigoroso, sacudiu por terra com o ultimo representante da burguezia e proclamou na Russia o regimen do socialismo radical.

* * *

A guerra teve a virtude de revelar com nitidez inconfundivel o que era a social-democracia allemã, o collossal partido socialista que contava por milhões os seus adeptos e por centenas os seus representantes nas camaras.

Os socialistas allemães, que durante tantos annos desempenharam o papel de parachoques das classes burguezas, evitando que as classes trabalhadoras entrassem no caminho de suas reinvindicações, illudindo-as com fallazes reformas, puzeram-se ao lado do kaizer quando este desencadeou sobre o mundo as furias sangrentas do militarismo.

Os socialistas allemães num gesto espontaneo, que bem revelava as suas convicções burguezas, não se pejaram de estreitar a mão daquelle que, para servir os interesses de uma casta, lançava sobre os trabalhadores a desgraça irreparavel de uma guerra.

Como sempre, taes socialistas se revelaram fieis servidores da burguezia e seu titulo nada mais é do que um rotulo com o qual ha longos annos vêm ludibriando as classes trabalhadoras que ainda confiam a sua sorte a tão maus pastores.

Com esse socialismo, com o socialismo burguez e politiqueiro, que despudoradamente concorreu para a desgraça do povo allemão, com o chamado socialismo de Estado, estão de accordo todos os governos do mundo, todos os politicos e todos os burguezes e até o papa...

Em todos os paizes se apegam a esse socialismo todos os pescadores de aguas turvas que desejam ingressar nas altas regiões da politica e todos os governos apoiam taes partidos socialistas por serem elles excellentes auxiliares na arte de governar.

Dos partidos socialistas — de que a social democracia allemã é admiravel especime — nada tem o trabalhador a esperar, porque em toda parte onde surgem esses agregados politicos, têm sido fieis alliados da burguezia e traido clamorosamente o povo a quem deviam orientar e advogar as justas reinvindicações.

Social democracia, partido socialista politico, socialismo allemão, são varias denominações do mesmo equivoco contra o qual os trabalhadores de todo o mundo deverão estar alerta!

* * *

Si a guerra que ha quatro annos ensanguenta o mundo teve a virtude de desmascarar o socialismo burguez, que vinha ludibriando o povo, teve igualmente a virtude de revelar qual o socialismo que responde aos interesses do proletariado.

O povo russo, depois de desthronar o czarismo barbaro e tyrannico, viu surgir á tona, levados pela onda da revolução, os politicos de occasião que apossando-se do poder dispunham-se a organizar uma nova Russia democratica, socialista, revolucionaria, até, porém, burgueza.

Todos os previlegios das classes usurpadoras continuariam intangiveis, o que equivaleria dizer que todas as causas de oppressão e miseria permaneceriam apenas rotuladas de novo.

O novo governo, sahido da revolução, já se dispunha a receber os applausos e apoio da burguezia de todo o mundo, quando o povo, compreendendo que havia sido mais uma vez ludibriado, levantou-se e apeou Kerenski, legitimo representante da burguezia.

Estava feita a Revolução Social na Russia.

Surgiu então no solo moscovita o verdadeiro socialismo operario, baseado na justiça e no trabalho, e do qual é a burguezia natural e figadal inimiga por verem abolidos os seus previlegios de exploração.

Esse socialismo que fez a Revolução Social na Russia, proclamando os direitos do trabalhador, chama-se ali maximalismo (programma maximo) é o verdadeiro socialismo libertario e, consequentemente operario.

Contra esse socialismo levantam-se os burguezes de todo o mundo por verem na sua propaganda um perigo para as classes que vivem da exploração do trabalho e da miseria alheias.

O socialismo russo, proclamando a socialização da propriedade, entregando a terra aos lavradores e as fabricas aos operarios, tornando a administração e a producção do consumo feita directamente pelo proletariado (de cada um segundo suas forças e a cada um conforme suas necessidades), —realizou a maior revolução que até hoje é registada pela historia e desvendou o horizonte da emancipação social dos trabalhadores, baseada nos principios da equidade até agora subvertidas pelo equivoco burguez.

* * *

E' preciso separar o joio do trigo:

Socialismo allemão, social democracia, socialismo politico e de Estado: — socialismo burguez.

Socialismo russo: maximalismo, anarchismo, syndicalismo: — socialismo operario.

Emquanto o primeiro é applaudido e apoiado pelos governos e burguezes de todo o mundo, o segundo é calumniado e perseguido pelos governos e burguezes em toda parte.

O primeiro é um novo rotulo para o regime burguez; o segundo é a negação desse regime, e a proclamação dos sagrados direitos humanos do trabalhador.

HELIO FULGENTE

Direitos Politicos

Liberdade de imprensa e de reunião, inviolabilidade do domicilio e do resto só são respeitadas se o povo as não usa contra os privilegiados. Mas quando começa a empregal-as para derrubar esses previlegiados, então, todas essas pseudo-liberdades são postas de lado. E é natural. O homem não tem outros direitos além dos que conquista a viva força e que está prompto a defender a todo momento com as armas na mão.

Se não se açoitam homens e mulheres pelas ruas de Paris é porque no dia em que o governo a tanto se atrevesse, o povo faria em bocados os executores. Se um fidalgo já não abre caminho na rua a bastonadas para um lado e para o outro, é porque os criados do senhor que tivessem semelhante atrevimento, não o teriam segunda vez. Se existe certa egualdade entre o operario e o patrão na praça e nos estabelecimentos publicos, é porque o operario, graças ás passadas revoluções, tem um sentido de dignidade pessoal que não lhe deixaria soffrer a offensa do patrão — e não porque os seus direitos estejam inscriptos na lei.

Claro que na sociedade actual, dividida em amos e servos, não pode haver a verdadeira liberdade, nem poderá existir emquanto houver exploradores e explorados, governadores e governados. Isto não quer dizer que até ao dia da demolição das distincções sociaes, desejamos vêr a imprensa amordaçada como na Allemanha; o direito de reunião annullado, como outrora na Russia, e a inviolabilidade pessoal reduzida ao que é na Turquia. Embora escravos do capital queremos escrever e publicar o que muito bem nos parecer; queremos

reunirmo-nos e organizarmo-nos como nos agradar—precisamente para saccudir o *jugo do capital*.

Mas é tempo de comprehender que não é ás leis constitucionaes que se devem pedir esses direitos. Não é numa lei — num pedaço de papel, que se póde rasgar ao menor capricho dos governantes — que acharemos a garantia desses direitos. E' só, constituindo-nos como força, capaz de impor vontades, que conseguiremos fazer respeistar liberdades.

Queremos a liberdade de dizer e descrever o que nos parecer?

Queremos o direito de nos unirmos? Não é ao parlamento que devemos pedir licença para isso; não é uma lei que devemos mendigar ao Senado. Sejamos uma força organisada capaz de mostrar os dentes todas as vezes que a um homem lhe der na cabeça para restringir o nosso direito de palavra e de reunião; sejamos fortes e poderemos ficar certos que ninguem ousará disputar-nos o direito de fallar, de escrever e de reunir. Quando se estabelecer um accordo entre todos os exploradores é, que se poderá sahir á rua com força sufficiente em defeza dos nossos direitos; ninguem negará nem estes nem outros que soubermos reinvindicar. Então, mas então sómente, teremos conquistado os direitos que poderiamos mendigar em vão, durante dezenas e dezenas de annos á camara; então estes direitos ser-nos-ão garantidos dum modo muito mais seguro do que se fossem escriptos de novo em farrapos de papel.

As liberdades não se concedem; tomam-se.

1º. de Maio

A data mundial das affirmações operarias não passará desapercebida nesta capital pelo proletariado consciente.

A's 10 horas os canteiros e demais operarios irão á Estação do Riacho, onde aguardarão a chegada dos trabalhadores da Serraria seguindo todos incorporados para a séde da Federação Operaria onde usarão da palavra varios oradores.

O prestito será precedido pela gloriosa bandeira da *União Operaria Internacional*, conduzida por uma commissão dessa sociedade operaria.

— Serão distribuidos numeros da *Luta* e da *Rebelião*, orgam dos operarios canteiros que apparecerá em edição especial.

— O Sydicato dos Canteiros distribuirá um manifesto concitando o operariado á união.

* * *

Reproduzimos na integra o brilhante manifesto com que a Federação Operaria commemora o dia de hoje:

« *1.º de Maio e Federação Operaria.* — Companheiros que lutaes pela melhoria de vossas condições, vinde ouvir o que dizem os vossos irmãos e unir-vos a elles para commemorar dignamente a data de 1.º de Maio! Nesse dia todos deveis estar reunidos para recordar as virtudes de todas as victimas de nossa causa e fazer affirmação collectiva de seguir as lições desses Mestres que já não vivem.

Vinde a esta homenagem reavivar o vosso espirito e fortalecer com a vossa solidariedade o ideal sublime de nossas reivindicações!

— Aos srs. patrões lembramos a conveniencia de dispensarem os seus operarios no dia 1.º de Maio.

Aos nossos companheiros de lutas pedimos que compareçam á commemoração da nossa data — 1.º de Maio.

— A commemoração terá logar no arrabalde de S. João, no Theatro Thalia, á Avenida Eduardo onde se farão ouvir diversos companheiros.

— Pedimos o vosso comparecimento á Federação Operaria, rua de Santo Antonio n.º 157, á 1 hora da tarde, para dahi seguirmos incorporados para aquelle theatro.

— A' noite, ás horas do costume, o Theatro Thalia dará espectaculos com films allusivos aos operarios em beneficio da Federação Operaria. — *A Directoria.* »

Desmascarando tartufos

Na impossibilidade de attendermos aos pedidos que se nos fazem de exemplares do manifesto que, com a rubrica acima, a U. O. I. publicou rebatendo as injurias que, contra alguns de seus membros, foram assacados pela crapulice perversa de dois individuos, reproduzimos em seguida os principaes trechos do referido manifesto:

« Quem compõe a directoria da Federação Operaria? Dois individuos cuja boçalidade marcha parelha com o espirito de intriga a mais vil e soez. Antonio Macedo, ave de arribação, *cavador* que só tem no movimento operario a tradição de ter vindo do Rio para trahir a gréve dos linotypistas do *Correio do Povo*. Typo afeminado; como os jesuitas, affecta mansidão nas palavras para poder dar o bote da vibora traiçoeira contra aquelles que prevê não se conformarem com as suas *cavações* á custa dos nomes das aggremações operarias.

Plinio José de Freitas (ex-maragato, hoje governista por calculo) tanto tem de bronco quanto lhe sobra de intrigante e lambanceiro, lançando continuamente a sizania no seio das classes organizadas para dahi tirar proveito para os seus secretos designios de cabo politico, que se pretende erigir no seio do proletariado.

Porque nos ataca essa parelha de azemulas, querendo provocar a divisão do operariado de Porto Alegre?

Simplesmente porque nós, os da Internacional, jámais quizemos favorecer os seus planos de aproximação ao governo por intermedio do sr. conselheiro Xavier da Costa. Fieis aos nossos principios syndicalistas, compreendendo que os governos, por mais bem intencionados que o sejam, não poderão solucionar o problema operario e sim baralhal-o, confundil-o cada vez mais, sempre nos oppuzemos á politicagem no seio das classes e, por convicção e sinceridade, nos mantivemos sempre partidarios do principio de que a emancipação do proletariado ha de ser obra dos proprios trabalhadores.

Convencida de que em nós não encontrava apoio a parelha Macedo e Plinio se dispoz a lançar contra nós todas as forças da sua intriga e da astucia que se aninham naquelles cerebros mesquinhos.

Valendo-se do facto de tres operarios, que em tempo pertenceram á Internacional, se tornarem funccionarios publicos, os intrigantes procuram atirar sobre todos baldões infamantes que os desmoralizem e isso com o fim de afastar de seu caminho a quem póde arrancar a mascara que lhes cobre a focinheira.

E' assim que os politiqueiros não hesitam em insultar operarios que têm passado a existencia lutando pelo bem da classe, sem que se lhes possa apontar um facto que os desmereça.

Não importa, porém, que a Internacional, a mais antiga associação operaria de Porto Alegre, soffra taes ataques partidos de taes individuos que pretendem chafurdar o proletariado na voragem da politicagem, fazendo-o perder os seus ideaes e desviando-o do caminho de sua emancipação. Isso prova que os principios da Internacional continuam intangiveis, desafiando a dentuça dos calumniadores por mais miseraveis e intrigantes que o sejam.

....

Trahidores são os dois mistificadores que em troca do Atheneu Operario, querem arrastar os operarios á politica, dividindo-os, confundindo-os, enfraquecendo-os, portanto.

Nós, os da Internacional, no seio da F. O. eramos o protesto vivo contra o jogo dos dois pretensos chefetes e, por isso, nos querem a todo transe afastar, e para isso, intrigam e usando de um autoritarismo prussiano, deturpam as resoluções da Commissão Central, executando-as a seu talante. Os delegados, alguns novos, surgidos da ultima gréve, surpresos, deixam-se embahir e outros, homens, que tem amor á classe, toleram certas cousas por não quererem dar o triste espectaculo de vir a publico desaccordos entre as associações.

....

E é assim que a parelha de intrigantes, auxiliada por alguns rapazes, sem noção de cousa alguma, extranhos á C. Central, e que assistem ás sessões armados até os dentes, vai proseguindo o seu trabalhinho de desaggregação da classe operaria para que jámais se dê nestas plagas um movimento tão grandioso como a gréve geral de Agosto ultimo.

E basta.

A U. O. I., nos seus trinta annos de existencia, tem uma tradição a zelar, tradição essa cimentada na defesa dos sagrados principios da emancipação dos trabalhadores.

E mais alto que os interesses individuaes está o interesse da classe operaria, prejudicada com as discussões pessoaes que fazem perder de vista a nobreza de todos os ideaes.

Atacados rudemente, sem que nos possam confundir com uma prova siquer, deviamos essa resposta áquelles que só nos conhecem de nome.

A Internacional vae proseguir na sua propaganda, como sempre pregando a necessidade crescente da organização operaria, a união das classes, combatendo a politicagem sob todas as suas multiplas formas como fonte de discordia e de enfraquecimento.

....

E a Internacional proseguirá a sua obra a despeito dos arreganhos immoraes dos mais ousados tranpolineiros.

Viva a união das classes trabalhadoras! »

Factos & Commentarios

Como se revelam os crapulas.

Tratando da commemoração do dia 1.º de Maio, o *director* da Federação Operaria, Antonio Macedo, foi ter com o chefe de policia, afim de obter licença para realizar a referida commemoração.

O chefe de policia pediu-lhe termos de responsabilidade, por qualquer desordem que houvese.

Macedo não acceitou.

O chefe disse então que poderia mandar acompanhar a manifestação por praças de cavallaria.

Macedo achou que isto não sentava muito bem. Não se coadunava muito com o caracter da manifestação, pois que daria muito na vista. Alvitrou então a ideia de ser a mesma acompanhada por... *secretas!*

Bello!

A que desceu este pessoal!!!

Signal dos tempos.

Londres, 23 — O *Times* publica telegramma de Pekim, annunciando que milhares de prisioneiros, principalmente hungaros, na Siberia, juntaram-se aos maximalistas, recusando a repatriação e naturalizando-se russos.

E' que esses prisioneiros já compreenderam que estão melhor entre os *inimigos* operarios que entre os *patricios* burguezes...

A gente honrada...

Os jornaes noticiam a apreensão da banha que ia ser exportada deste Estado com 30 % de agua.

Os telegrammas nos trazem noticias de S. Paulo de terem sido ali envenenadas varias pessôas por vinho nacional.

Todos esses falsificadores que tão miseravelmente roubam e envenenam o povo, apenas passam pelo ligeiro incommodo de ficarem sem parte do producto apreendido e pagar a respectiva multa; isso se não quizerem pagar um advogado para propôr uma acção contra o governo, não pagarem cousa alguma e pedirem indemnização.

Quanto ao mais, continuam a ser honrados negociantes desta praça, membros da defesa nacional, contribuintes (pudera!) da Cruz Vermelha, etc...

Ladrões são os que roubam uma miseria da *gente honrada*...

Russia

Russia, a terra dos bardos tristonhos cantores de amargos rytmos, a terra da dôr, do soffrimento, da servidão, Russia, accordou num despertar terrivel.

Gorki, Gohol, Dostojewski, Tourguenef, Bakunine, Khropotkine, e tantos outros, abriram sulcos profundos nas trevas que envolviam aquelle povo!

E a semente de luz lançada por esses semeadores sublimes nestes sulcos abertos na sombra, esposta ao calor da guerra e á humidade do sangue, brotou num infinito de sóes radiozos, que offuscaram os olhos dos vampiros do mundo!

E estes vampiros, levantam um clamor unisono contra a luz, que ameaça illuminar todos os recantos do mundo, dissipando as trevas, a que estão habituados.

Mas, ai! destes bandos de morcegos que querem apagar o sol da nascente liberdade! Perderão as azas e morrerão nas chammas, sem conseguir esconder aos olhos do mundo a silhueta gigantesca do Russo libertado, que se destaca no alvor do astro da libertação.

Russia não proscreveu do senaculo do mundo somente aos Romanoff, proscreveu todos os tyranos.

Na Austria e na Allemanha, Carlos I e Guilherme II tombarão num clamor estrepitoso; na Inglaterra, França, Italia, Hespanha e Americas, as tyranias coroadas ou não, baqueiam, sentindo já os prenuncios do terremoto social que se aproxima. O colosso Austriaco já se saccode em convulsões terriveis! A burguezia assiste estupefacta a escutar o tic-tac trajico do pendulo da revolução, esperando espavorida o soar da Hora!

* * *

Que a Revolução Russa é um acontecimento grandioso na Historia dos povos, para nós é um facto indiscutivel.

E se nada soubessemos sobre a mesma, quanto aos seus fins, uma cousa nos bastava para que o nosso dever, o dever dos trabalhadores, fosse defendel-a a *outranse:* é o facto della ter contra si toda a burguezia do mundo. Porque a burguezia não faria o escarcéu que faz, se alguma cousa de grave a revolução não annunciasse.

ZENON

Estilhaços

Que desaforo!

Segundo telegrammas, o governo do kaiser está indignado com os maximalistas por terem estes misturado os prisioneiros soldados e officiaes.

E' realmente um desaforo.

Os maximalistas não querem comprehender que os soldados são saidos da classe trabalhadora emquanto que os officiaes, em sua maioria, pertencem á burguezia.

As nações civilizadas põem os prisioneiros soldados (operarios) num chiqueiro de arame farpado e os officiaes (burguezes) são tratados com distincção.

Querem mais claro?

* * *

Não possuindo o conselheiro uma reserva inexgottavel de empregos, aconselhou aos operarios que com elle confabulam que fossem se *exercitando* para *secretas*, que talvez rendesse algo...;

Questão d'estomago!

Xina V

Agrupar-se! Só a acção do grupo é efficaz. Só a acção do grupo é que póde fazer nascer um impulso, um movimento. Foi o mundo operario que primeiro comprehendeu esta necessidade absoluta de constituir um bloco e de oppor ao poder intransigente do patronato e do capital a força—talvez brutal e ainda mal organizada — das suas associações syndicaes. — *La Route.*

A GUERRA

A guerra produz a miseria e são os trabalhadores quem mais soffrem os seus effeitos.

A guerra, é a destruição do trabalho.

Todo trabalho destruido é um factor da miseria.

Consideramos as sommas incalculaveis de trabalho humano despendido na formação e sustento dos collossaes exercitos europeos. Consideremos a quantidade enorme de trabalho util estra-

gado na mobilização desses exercitos que se vão destruir.

Quem produziu as riquezas necessarias á criação e manutenção dessas esquadras e desses exercitos? Os trabalhadores.

Emquanto suas mãos trabalham para fabricar os calçados, os bonés, as fardas de milhões de homens, cujo serviço unico é aprender a matar; emquanto suas mãos cultivam a terra e colhem os alimentos destinados a milhões de homens, cujo unico ideal é obedecer cegamente ao aceno assassino de imperadores e generaes; emquanto o seu esforço é assim explorado pelos que se dizem seus dirigentes, reis, diplomatas, senadores, generaes, banqueiros e politicos, seus filhos ficam sem calçado e sem roupa, elles mesmos habitam uma choupana sem conforto e, para alimentação teem os productos ruins que os negociantes gananciosos falsificam para lhes vender mais barato.

Como se poderá acabar com as guerras.

Ainda mais: declarada uma guerra, não pelos trabalhadores, mas pelos seus dirigentes, ás vezes pelo mau humor de um rei belicoso, ou maluco, esses mesmos dirigentes, auxiliados pelos escravos a quem vestiram e calçaram, agarram-n'os no campo ou na fabrica e os obrigam a marchar com elles, para matar homens que não lhes fizeran mal, deixando os seus filhos ao desamparo.

Isso porém acabará si todos os trabalhadores se unirem e recusarem qualquer serviço de guerra. A humanidade existe pelo esforço dos trabalhadores. Esse esforço bem utilizado, é perfeitamente bastante para manter fartamente a todos.

Desde, porém, que a metade desse esforço se desperdice em gastos inuteis ou prejudiciaes como a guerra, o restante não chegará para a acquisição das riquezas necessarias.

Esse dispendio, produz a miseria e a miseria quem a suporta são os trabalhadores. Si comprehendeis essa verdade, sois anarquistas.

Anarquistas são os homens que querem a paz geral, a solidariedade economica e não a concorrencia, a direcção dos trabalhos feita pelos proprios trabalhadores e não por uma minoria que não trabalha.

As guerras são um effeito da concorrencia commercial

A guerra é uma das odiosas expressões da *concorrencia*.

Chama-se *concorrencia* o systema economico segundo o qual cada individuo procura ganhar o mais possivel com o menor trabalho, lutando contra todos por todos os principios e processos. A *concorrencia* é absolutamente contraria á *solidariedade*.

A sociedade deveria estar baseada na solidariedade de todos, isto é, no auxilio mutuo intelligente e disciplinado, em vista de uma producção maxima com o minimo esforço.

Essa união multiplicando as forças multiplica os resultados e portanto as riquezas.

A concorrencia, pelo contrario, acarreta um extraordinario desperdicio de energias. Basta considerar o que se perde em *reclamos*, annuncios, subornos, installações luxuosas, etc., todos os meios de que se vale o productor A para vencer reduzir o productor B que lhe faz *concorrencia*. São forças collossaes destruidas e portanto subtrahidas á felicidade commum.

Uma sociedade baseada na concorrencia é uma sociedade fatalmente infeliz, porque admite e não póde evitar a causa principal dos crimes, das tragedias quotidianas: ambição, sob suas varias formas, o jogo, a negociata, o estelionato, o dinheiro falso, o roubo, o banditismo, a guerra.

As guerras são um effeito da concorrencia commercial, isto é, da ganancia do ouro, da necessidade que teem os productores da nação A de supplantar os productores da nação B nas vendas e nas explorações sobre a terra por elles apropriadas.

MANIFESTO
AOS PROLETARIOS DE PORTO ALEGRE

Operarios!

No dia de hoje, em que todas as vossas attenções convergem para o problema da emancipação dos trabalhadores, dirigimo-nos mais uma vez á vossa consciencia e ao vosso coração. Longe de nós querer illudir-vos com palavras ou actos festivos que commemorem o 1.º de Maio, pois convencidos e stamos de que, se esta data merece uma commemoração, esta, longe de ser festiva, deveria ser toda de pezar e de tristeza.

Com effeito foi a 1.º de Maio de 1886 que o proletariado norte-americano pagou com a morte de Lingg, Spies, Fischer, Engels e Parsons, a audacia de reclamar da burguezia *yankée* a reducção do dia de trabalho a 8 horas.

De então para cá esta data tem sido assignalada por toda parte com lutas formidaveis nas quaes o proletariado muito sangue tem derramado em defesa de seus ideaes.

Por isso julgamos nós a data de 1.º de Maio como um dia em que deve o operariado passar em revista as suas forças, verificar o numero e a potencia de suas organizações, pois destas forças unicamente dependerá o exito das suas tentativas de libertação economica.

No dia em que os trabalhadores souberem transformar num facto os principios de solidariedade de classe, terá tudo o que aspirar de justo para a humanidade, pois bastará declarar uma greve geral para transtornar todo o regimen actual, baseado na exploração, na ignorancia e na desorganização dos trabalhadores.

Operarios!

Organizae-vos se quereis vencer!

Da organização depende a educação e por consequencia a aptidão para a luta. Lançamos daqui um appello ao proletariado para que procure organizar associações para lutar pelos seus interesses economicos e moraes nas officinas.

O nosso trabalho é penoso. Longas horas para o trabalhador encerrado numa officina antihygienica, entregue a trabalhos fatigantes para ao fim do dia ter apenas o que chegue para pagar o que comeu no dia anterior.

Precisamos olhar para nossas familias que estão prestes a desapparecer no actual regimen burguez. Com effeito, um operario que trabalhe 9, 10, 11 e 12 horas por dia ao chegar em casa nem mais forças tem para dispensar carinhos á sua familia. Por outro lado, a mesquinhez dos salarios obriga-nos a fazer os nossos filhos e as nossas filhas, desde tenra idade, trabalharem nas fabricas — verdadeiros centros de degenerecencia e perdição para a juventude operaria — de modo a desaggregar por completo as nossas familias.

Accrescente-se a isso a lei do sorteio militar creada só para os operarios — só para os operarios, notae bem! — e ahi tereis o desapparecimento para breve das nossas familias absorvidas pelo regimen capitalista.

Precisamos sair de um tal estado de cousas. Para isso é necessario organizarmos associações para tratarmos ahi dos meios de augmentar os nossos salarios, diminuir as horas de trabalho, requerer hygiene nas officinas.

Nada devemos esperar nem de governos nem de politicos de quaesquer matizes que se apresentem como salvadores do operariado e que nada mais salvam senão os seus proprios interesses e ambições.

Nós, só nós mesmos, é que podemos realizar os nossos melhoramentos economicos, moraes e intellectuaes, progredindo continuamente até alcançarmos a igualdade social, baseada no trabalho de todos para todos.

Operarios!

Accorrei ás associações existentes e alistae-vos como socios ou organizae sindicatos dos vossos respectivos officios e vinde lutar pela nossa emancipação e pelo bem-estar de nossas familias.

Operarios!

Só vós sabereis lutar pelos vossos interesses.

A' luta, pois!

Viva a solidariedade operaria!

Comité de Propaganda Operaria

(da União Operaria Internacional)

A justiça burgueza

Por alguns dias esteve na balha o processo dos Schimidts. Como se sabe os Schimidts são uns pobres de espirito, fanatizados pela estupidez patriotica, e que idiotamente dispararam tiros contra um bond, por occasião da declaração de guerra á Allemanha.

Esse attentado causou indignação a todos, patriotas e não patriotas, pois, é doloroso que se attente de tal maneira contra tantas pessoas que viajavam num bond, muitas das quaes nada tinham com o peixe...

Presos os Schimidts processados e finalmente julgados foram condemnados a uma pena menor do que o tempo que estavam presos, o que quer dizer que se não fosse a appellação estariam em liberdade.

Quasi pela mesma época deu-se nesta capital um conflicto entre grevistas calceteiros e *crumiros* que os substituiram no trabalho. Desse conflicto em que houve tiros, pedradas e porretadas, resultou uma morte e varios feridos.

Presos cinco calceteiros grevistas, como suspeitos de terem tomado parte no conflicto, depois de um inquerito inquisitorial, foram recolhidos á Casa de Correcção.

Mais tarde, dois desses presos foram soltos, sem mais explicação, conservando-se os demais encarcerados a espera de julgamento cuja demora só é explicada pela absoluta ausencia de provas que militem contra os desventurados presos.

O que parece mais certo é que a burguezia, por seus orgãos, quiz dar uma *licção* aos grevistas.

∴

A disparidade entre esses dois factos é flagrante.

No primeiro, tratava-se de um attentado, friamente meditado, contra pessoas desprevenidas, e cujos autores foram apontados e confessaram o delicto.

No segundo caso, tratava-se dum conflicto entre varias pessoas, em que não se apurou quem primeiro disparou tiros, nem tão pouco quem eram de facto os atacantes.

No emtanto para os Schimidts, o processo corre os tramites da lei e acaba a justiça por suavisar-lhe a pena e, para os calceteiros a justiça permanece muda e o carcere fechado.

Para a justiça burgueza tudo se explica: os Schimidts têm dinheiro e compraram trez luminares do nosso (delles) fôro que empregassem toda a sua eloquencia patriotica em defesa dos allemães patrioteiros.

Esses luminares foram os advogados Freitas e Castro, Lacerda de Almeida e Pereira da Cunha que se esbofaram em provar a innocencia dos Schimidts, chegando o ultimo até á infamia de dizer que os Schimidts davam dinheiro ao dr. Barros Cassal.

Os calceteiros pelo contrario, são operarios e não possuem vintem com que possam comprar a sua defesa e, por isso, estão irremediavelmente condemnados sem processo nem appellação.

E é isso a justiça burgueza: os calceteiros continuarão prezos sem que ninguem prove a sua criminalidade, tendo já um dos que foram postos em liberdade, morrido victima da tuberculose adquirida na prisão e os Schimidts, libertados amanhã, depois de feita a paz, *cavarão* com uns bons advogados uma indemnização que será paga com o dinheiro que o governo sug a forma de impostos arranca do povo.

Da justiça burgueza nada tem o trabalhador a esperar.